

Ecologia da comunicação: som, corpo e cultura do ouvir¹



José Eugenio de Oliveira Menezes

Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP
Professor do Programa de Pós-graduação
da Faculdade Cásper Líbero
E-mail: jeomenezes@casperlibero.edu.br

Resumo: O texto mostra as relações entre o som e a cultura do ouvir a partir da concepção, proposta por Harry Pross, de que toda comunicação começa e termina no corpo. Problematisa a noção de Ecologia da Comunicação, de Vicente Romano, em especial o alerta a respeito da redução dos espaços de comunicação presenciais no contexto do crescimento das conexões eletrônicas. A partir do diálogo entre os estudos de Norval Baitello sobre as capilaridades da comunicação e o documentário sonoro *Metzontla, Los Reyes*, do radioartista Julio de Paula, propõe o termo ecologia da comunicação para compreensão das porosidades entre corpos e ambientes comunicacionais.

Palavras-chave: Processos midiáticos, corpo, cultura do ouvir, ecologia da comunicação, capilaridades, Metzontla Los Reyes.

Ecología de la comunicación: sonido, cuerpo e cultura del oír

Resumen: El texto muestra las relaciones entre el sonido y la cultura del oír a partir de la concepción, propuesta por Harry Pross, de que toda comunicación empieza y termina en el cuerpo. Problematisa la noción de Ecología de la Comunicación, de Vicente Romano, en especial el alerta al respecto de la reducción de los espacios de comunicación presenciales en el contexto del crecimiento de las conexiones electrónicas. A partir del diálogo entre los estudios de Norval Baitello sobre las capilaridades de la comunicación y el documental sonoro *Metzontla, Los Reyes*, del radio artista Julio de Paula, propone el termino ecología de la comunicación para la comprensión de las porosidades entre cuerpos e ambientes comunicacionales.

Palabras clave: Procesos mediáticos, cuerpo, cultura do oír, ecología da comunicación, capilaridades, Metzontla Los Reyes.

Communication ecology: sound, body and the culture of listening

Abstract: The text focuses on the relationships between sound and the culture of listening studies by Harry Pross, who has stated that all communication starts and ends in the body. It discusses Vicente Romano's notion of Communication Ecology, especially regarding the reduction of spaces for face-to-face communication as electronic communication increases. Dialoguing with Norval Baitello's studies about the capillaries of communication, and the radio documentary *Metzontla, Los Reyes* by Julio de Paula, this paper proposes the term communication ecology for the comprehension of the porosities found between bodies and communicational environments.

Keywords: Media Process, body, culture of listening, communication ecology, communication, capillaries, Metzontla Los Reyes.

Na medida em que na contemporaneidade a palavra comunicação envolve tanto as relações gratuitas marcadas por sons, olhares, odores, sabores e gestos como também, de alguma maneira, os aparatos eletrônicos comercializados com forte coação² à constante conexão, o estudo da Comunicação continua a despertar nossa admiração e espanto - os

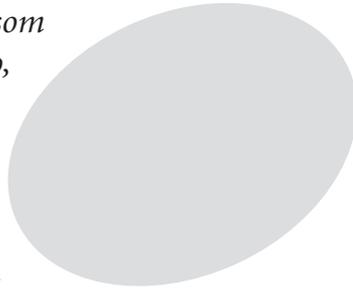
¹ Texto apresentado e debatido no Grupo de Trabalho (GT) Comunicação e Cultura do 24º Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós, realizado em Brasília, no período de 9 a 12 de junho de 2015. O autor agradece aos participantes do GT e especialmente a Maurício Ribeiro da Silva (relator) pelas sugestões que permitiram o aperfeiçoamento do texto.

² A partir dos estudos do médico e filósofo Viktor Von Weizsäcker (1886-1957), o jornalista, comunicólogo e politólogo Harry Pross (1922-2010) observa que a necessidade de comunicar-se do sujeito (René Arpad Spitz, Paul Watzlawick, Janet Beavin, Don Jackson, Dieter Wyss e outros antropólogos médicos) converte as redes eletrônicas existentes em condições obrigatórias da vida social. Assim, “quanto mais meios de comunicação, tanto mais forte a coação a conectar” (Pross, 1989, p. 99). O título do livro *Zwänge. Essay über symbolische Gewalt*, de Pross, não conservou a densidade do termo “coações” ou “zwänge” na tradução espanhola de Vicente Romano: *La violencia de los símbolos sociales*.

mesmos termos usados respectivamente por Platão e Aristóteles para indicar a ignorância que justifica o início da investigação filosófica ou, no nosso caso, a continuidade da pesquisa em Comunicação.

Neste caminho marcado por admiração e espanto, as investigações a partir do som representam uma das portas de acesso a uma perspectiva processual/probabilística no estudo da comunicação. Os sons, isto é, as vibrações mecânicas periódicas que permitem a sensação da audição, não repercutem apenas nos órgãos auditivos; envolvem todos os objetos do entorno, todos os corpos e, nesse processo, todo o corpo humano. Tal como, em analogia com a perspectiva ecológica, mesmo sem tomar consciência que qualquer intervenção na biosfera afeta todo o planeta, ainda fechando os ouvidos continuamos envolvidos pelos sons que afetam todo o corpo.

Da mesma forma que som implica em repercussão, podemos dizer que as relações entre os corpos se constituem e permanecem especialmente de forma sonora



Se, no texto *Cultura do ouvir: os vínculos sonoros na contemporaneidade*, de 2007, depois ampliado e publicado no livro *Comunicação e cultura do ouvir* (2012), enfatizávamos a possibilidade de participação em ambientes nos quais os corpos são tocados pelas ondas de outros corpos, depois de nos deixarmos provocar pelas inquietações do comunicólogo espanhol Vicente Romano (1935-2014), na obra *Ecología de la comunicación* (2004), somos desafiados a dar outros passos na investigação a respeito da “possibilidade de participação em ambientes” comunicativos. Assim, damos continuidade à investigação pensando que:

Na cultura do ouvir somos desafiados a potencializar a capacidade de vibração do corpo diante dos corpos dos outros, a ampliar o leque da sensorialidade para além da visão. Ir além da racionalidade, que tudo quer ver, para participar de ambientes nos quais os corpos possam ser tocados pelas ondas de outros corpos (Menezes, 2012, p. 33).

A atenção à cultura do ouvir³ permite perceber que estamos enredados em processos comunicativos, participamos de uma teia de vínculos também sonoros, cada vez mais admirados e espantados com o fato da perspectiva de participação na comunicação ser mais fecunda e adequada ao estudo dos fenômenos comunicacionais do que a perspectiva de reação de indivíduos às ações de outros. Uma abordagem científica mais probabilística e complexa do que apenas funcionalista e determinística.

O ouvido, além de captar sons, isto é, de perceber ondas de compressão e rarefação propagadas através do ar, também é responsável pelo sentido do equilíbrio. O ouvido ainda é de fundamental importância para o homem perceber a distância entre as coisas, delimitar o espaço, localizar-se nesse intervalo entre coisas e indivíduos (Menezes, 2007, p. 34).

Os sons ou vibrações do entorno permitem a localização de uma pessoa no contexto tanto de uma caverna escura como nos ambientes cotidianos. O universo sonoro possibilita a observação do espaço no sentido físico do termo; sons e vibrações favorecem um espaço de interlocução no qual os corpos envolvidos são afetados quando opcionalmente ou mesmo sem escolher, participam de forma mais ou menos envolvente dos processos comunicativos. O fato das vibrações envolverem todo o corpo, como sabemos, pode nos ajudar a

³ Relembramos que “Cultura do Ouvir” foi o tema de uma palestra proferida por Norval Baitello Jr. no seminário *A arte da escuta*, em 1997, na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Zaremba; Bentes, 1999). A palestra, revisada e atualizada, está disponível no livro *A era da iconofagia*, publicado pela Editora Paulus (Baitello Jr., 2014) e também na biblioteca online do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia – CISC (www.cisc.org.br).

aprofundar o desafio proposto por Harry Pross quando trouxe para o âmbito das ciências da comunicação o tema que seu professor Viktor von Weizsäcker investigava no campo da psicossomática: toda comunicação começa no corpo e nele termina.⁴

Nesta perspectiva, Baitello nos lembra de que “banir o tema da corporeidade em sua imensa complexidade e em sua demanda por multidisciplinaridade significa, simplesmente, amputar o ponto de partida e o ponto de chegada de todo o processo chamado comunicação” (Baitello in: Barbosa; Morais, 2013, p. 60).

Da mesma forma que som implica em repercussão, podemos dizer que as relações entre os corpos se constituem e permanecem especialmente de forma sonora. Considerando que som implica a materialidade das ondas que nos envolvem, ondas das quais participamos acrescentando outras ondas, podemos dizer que fisicamente o som pede som e relacionarmos essa observação com um princípio da comunicação primária estudado por Baitello no contexto dos primeiros contatos do corpo do recém-nascido com o corpo dos primeiros cuidadores:

Nessa situação é que se evidencia o princípio da comunicação primária: corpo pede corpo. Não é de imagem (visual, acústica ou olfativa) que o corpo do bebê necessita, é de materialidade, contato físico provedor do alimento e da proteção, do calor e do aconchego. Aí nasce toda e qualquer linguagem, a partir do ritmo dado pelo movimento entre carência (fome ou desconforto, frio ou dor) e saciedade (amamentação e aconchego). O corpo do bebê, quando tem fome ou frio, pede o corpo da mãe. Somente a partir desse momento primordial de interação é que se desenvolvem outros sistemas de representação simbólica abstratos, como as linguagens (Baitello, 2012, p. 106).

⁴“Toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual os indivíduos se encontram cara a cara, corporalmente e imediatamente, e toda comunicação retorna para lá” (Pross, 1972, p. 128). A tradução está disponível no texto “Vínculos e complexidade: comunicação, mídia e cultura” (Baitello, 2014, p. 93).

Propor que um dos caminhos do estudo da comunicação passe pelo corpo⁵ e pelos sons que o envolvem implica a possibilidade de irmos além das metáforas funcionalistas e deterministas. Aprofundarmos a possibilidade de pensarmos que toda comunicação começa no corpo e nele termina implica a possibilidade de vermos como o corpo se derrama, tal como a água ocupa espaços, pelas diferentes capilaridades da comunicação, como veremos abaixo, e pensarmos na forma como o corpo pede corpo e envolve inclusive os meios secundários e terciários, conforme terminologia de Pross.

Quando mapeou a comunicação, ou melhor, quando propôs uma classificação dos sistemas de mediação em três categorias, Harry Pross utilizou os termos “meios primários”, “meios secundários” e “meios terciários”. Os meios primários⁶ são criados pelo próprio corpo (gestos, odores, sons...), os meios secundários surgem quando um corpo usa um suporte para se comunicar com outro corpo, como nas pinturas rupestres e nos impressos, e os meios terciários quando os corpos envolvidos no processo comunicativo utilizam aparatos eletrônicos. Nesse contexto, os sons trocados diretamente entre os corpos ou por meio de aparatos eletrônicos

⁵ Utilizamos o termo “corpo” alinhando os processos filogenéticos (desenvolvimento da espécie) e ontogenéticos (desenvolvimento de cada indivíduo), a complexidade biológica e a complexidade cultural. “No contexto da comunicação, o estabelecimento de vínculos em lugar de conexões, de trocas simbólicas em lugar de contatos e o estabelecimento da imaginação aliada à recuperação do corpo, enquanto entidade autônoma parece ser o caminho para a contribuição da área [Comunicação] aos problemas hoje vivenciados pela humanidade” (Silva, 2012, p. 146).

⁶ Aqui é necessário considerarmos que a complexidade, citada na nota acima, da categoria “corpo” não se reduz ao status de mídia primária. Lembramos que Maurício Ribeiro da Silva, a título de resumo, tira as seguintes conclusões da classificação dos media proposta por Harry Pross: “a) toda comunicação tem em um corpo a origem e o destino, o início e o fim do processo; b) a complexificação da mídia e a inclusão de aparatos (codificadores e/ou decodificadores) não excluem ou inviabilizam a existência das formas predecessoras ou arcaicas de comunicação, que se preservam no contexto comunicacional; c) o estabelecimento da comunicação se dá não pela troca de informações, mas pela concretização de vínculos (compartilhamento simbólico) entre aqueles que se comunicam” (Silva, 2012, p. 146).

explicitam espaços e ritmos que permitem a sincronização da vida nas pequenas e grandes sociedades (Menezes, 2007).

Ainda estamos no início das pesquisas empíricas relacionando as possibilidades de vinculação, encontro e desencontro, abraço ou tapa, solidariedade ou violência que permeiam os processos comunicativos quando estes se derramam entre meios primários, secundários e terciários, tal como acontece, por exemplo, nas relações entre adolescentes que durante ou após as aulas presenciais continuam trocando sinais usando aplicativos de mensagens multiplataformas disponíveis “gratuitamente” nos celulares; continuam expressando os afetos próprios dos meios primários utilizando também os meios terciários. É possível que a complementariedade entre os meios primários, secundários e terciários e a referência de todos eles ao corpo possibilitem novas pesquisas em termos de uma ecologia da comunicação.

Frisamos os termos corpo e comunicação na ecologia da comunicação para distinguirmos de outro caminho de estudos bastante investigado como ecologia das mídias. Focamos a atenção no corpo presente na comunicação face a face e também na conexão com o uso de telas e fones dos telefones inteligentes (smartphones), por exemplo, para não nos limitarmos aos media conforme abordados nas pesquisas que possibilitaram, nos Estados Unidos, a criação da *Media Ecology Association*⁷ no ano 2000.⁸

⁷ Enfatizamos o termo “ecologia da comunicação” para apontarmos a diferença em relação ao termo “ecologia dos meios”. De acordo com Neil Postman, “os estudos de ecologia dos meios estão focados na questão de como os meios de comunicação afetam a percepção humana, as maneiras de compreender, sentir e dar valor; e como a nossa interação com os meios facilita ou dificulta as nossas chances de sobrevivência”. Tradução nossa. Disponível em: <http://www.media-ecology.org/media_ecology/index.html>. Acesso em: 10 fev. 2015.

⁸ O histórico do termo Ecologia da Mídia pode ser encontrado no texto *Media ecology: exploring the metaphor to expand the theory* (Scolari, 2012) ou no livro *Ecologia da mídia* (Rublescki; Barichello, 2013). A questão da materialidade nos processos de comunicação é caudatária dos aportes de Harold Innis, Marshall McLuhan e Neil Postman, da Escola de Toronto (Braga, 2008).

A ecologia da comunicação em Vicente Romano

Em *Ecología de la Comunicación* o comunicólogo espanhol Vicente Romano García problematiza as consequências ecológicas da colonização do tempo de vida dos seres humanos pela onipresença, durante as 24 horas do dia, dos aparatos eletrônicos de comunicação. Diagnostica que estamos diante de uma crise ecológica e propõe uma ecologia da comunicação com o objetivo de se adaptar as tecnologias da informação já disponíveis às condições e possibilidades da comunicação primária, do contato humano elementar e direto.

Assim, questiona os efeitos do uso de equipamentos quando estes, na sua leitura, predominam sobre os contatos presenciais e propõe que as tecnologias, em particular as que privilegiam as telas, devam ser adaptadas às possibilidades do corpo humano e aos valores ecomunicacionais. Recorda que em

Seu sentido original de *oikos*, casa, lar, lugar de refugio, segurança, bem-estar etc., a ecologia da comunicação pretende averiguar até que ponto a comunicação pode criar comunidades nas quais o mundo apareça como um meio adequado no qual o ser humano sintá-se à vontade (Romano, 2004, p. 149).

Como humanista aposta na possibilidade de se construir uma ponte entre comunicação e ecologia humana; insiste na necessidade de se “aprender a prever não só os efeitos materiais, mas também os espirituais e sociais das extensões tecnológicas”; enfatiza que “criticar os efeitos negativos não significa ser um apocalíptico no sentido depreciativo ou pejorativo que se costuma aplicar este termo de Umberto Eco”. Como um pensador preocupado em não separar reflexão e ação, propõe que os “seres humanos tomem consciência e assumam suas responsabilidades diante do seu ambiente comunicacional” (Romano, 2004, p. 148-149).

Depois de convidar o leitor a considerar as características de um paradigma ecológico para as pesquisas em Comunicação, em

La comunicación primaria, segunda parte do livro *Ecología de la comunicación*, Romano apresenta ao leitor um conjunto de contribuições de autores que permitem perceber que os processos de comunicação requerem a participação de todos os sentidos.

Podemos dizer que o autor estuda a comunicação primária dos corpos envolvidos nos processos de comunicação, com toda riqueza dos gestos construídos culturalmente, como uma possibilidade de pesquisar como homens e mulheres concretos participam de um paradigma ecológico da comunicação. Assim, descreve as potencialidades dos estudos da comunicação a partir do corpo e do conjunto dos sentidos: o tato, o olfato, o gosto, o ouvido e a visão. Nas últimas páginas do livro Vicente Romano reúne pistas e perspectivas para uma ética da solidariedade e frisa novamente sua formação humanista ao reforçar que a conquista da liberdade é uma tarefa coletiva, solidária, que não pode simplesmente ser baixada de um portal eletrônico ou empresa ponto com (Menezes, no prelo).

A postura de Vicente Romano está ancorada, entre outros, nos estudos da professora Barbara Mettler von Meibom e seus colaboradores do Instituto de Ecologia da Informação e da Comunicação. O centro de pesquisas foi fundado em 1989, em Duisburg, na Alemanha, e divulga suas pesquisas na revista *Zeitschrift für Kommunikationsökologie*.

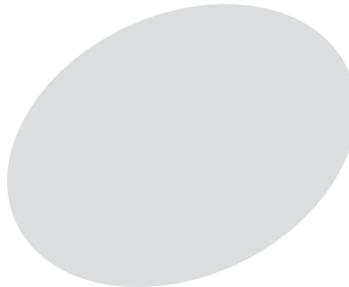
A ecologia da comunicação em Abraham Moles

O termo ecologia da comunicação⁹ foi utilizado por Abraham Moles¹⁰ em 1975 no XV Congresso da *Association des Sociétés de*

⁹ Uma breve arqueologia do termo ecologia da comunicação foi publicada em *Ecologia da comunicação: a cultura como um macrossistema comunicativo* (Menezes in: Chiachiri F. et al., 2013, p. 55-69).

¹⁰ Moles nasceu em 1920. Dirigiu o Laboratório de Psicologia Social da Universidade de Estrasburgo e utilizou o estruturalismo de natureza estatística nos estudos de comunicação (Moragas, 1982). No Brasil publicou, entre outros, *Teoria da informação e percepção estética* (1978).

philosophie de langue française. Seu texto *Le Mur de la communication*, traduzido para o espanhol como *El muro de la comunicación*, integra o volume *Sociología de la comunicación de masas* (1982) organizado por Miquel de Moragas. Preocupado com o risco de a palavra comunicação tornar-se trivial ou seguir o mesmo destino da palavra cibernética deixada para uso dos jornalistas e prudentemente substituída por “Teoria geral dos sistemas” pelos cientistas, propõe uma definição do termo:



Nos preocupamos tanto com uma ecologia da comunicação que nos falta quanto com a que de fato temos, sem deixarmos de considerar as incomunicações

Nós definiremos a comunicação como a ação de participação de um organismo ou um sistema situado em um dado ponto R nas experiências (*erfahrungen*) e estímulos do entorno de outro indivíduo ou sistema situado em outro lugar e em outra época, utilizando os elementos de conhecimento que tem em comum (Moles in: Moragas, 1982, p. 121).

Nesse contexto, considerando que a palavra comunicação tem como raiz a ideia de colocar em comum, lembra que “não há obrigatoriamente comunidade se as pessoas têm algo em comum, porém a comunidade só se manifesta a partir de atos visíveis, atos de comunicação, reveladores necessários da existência de elementos comuns entre os seres” (p. 121). Destacando que a organização da sociedade é objeto da sociologia e que a organização do entorno do indivíduo e de suas reações objeto da psicologia, propõe uma nova ciência.

Propõe-se uma nova ciência, a ecologia da comunicação. A ecologia é a ciência da interação entre as diferentes espécies no interior de um dado domínio; as ‘espécies’ que aqui nos interessam são as espécies de comunicação, próximas ou distantes, fugazes ou gravadas, táteis ou auditivas, pessoais ou anônimas, que reagem efetivamente uma sobre a outra no espaço fechado das vinte e quatro horas da cotidianidade ou no espaço social do planeta (Tradução nossa. Moles in: Moragas, 1982, p. 125).

O caminho trilhado por Abraham Moles pode ajudar a problematizar o termo ecologia da comunicação por considerar imbricações entre a comunicação presencial e a comunicação eletrônica. Na perspectiva de Moles, a ecologia da comunicação, uma nova disciplina em construção, deveria contemplar dois ramos distintos. O primeiro seria relativo à interação das modalidades de comunicação e de sua percepção no domínio do ser individual na esfera temporal e espacial. O segundo ramo estaria relacionado com a organização dos sistemas de transação entre os seres através dos canais de telecomunicação.

Cada tipo de capilaridade permite a construção de um ambiente comunicacional, da mesma forma que a vascularização sanguínea possibilita a vida do corpo

Mesmo trabalhando no campo da Teoria da informação e preocupado com os custos das transações comunicativas, Moles levanta uma questão significativa: a interação entre telepresença e presença. Reconhece a importância da proxêmica como “ciência dos fenômenos que, em igualdade de circunstâncias, a importância diminui quando aumenta sua distância ao indivíduo” (Moles in: Moragas, 1982, p. 126).

Concebe a proxêmica de forma um pouco diferente do antropólogo estadunidense Edward Hall que distinguia, no contexto de sua cultura, quatro níveis proxêmicos: a distância íntima do contato físico e da amizade, a distância pessoal ou privada (entre os 45 e 120 centímetros), a distância social ou das relações sociais (entre 120 e 360 cm) e a distância pública, reservada às pessoas públicas e líderes de opinião (a partir de 360 cm) (Menezes, 2007, p. 26).

As capilaridades da comunicação

Entre as trilhas acima percorridas nos preocupamos tanto com uma ecologia da comunicação que nos falta, frisando a importância da possível redução da comunicação presencial num momento em que em termos mercadológicos somos quase seduzidos ou coagidos a manter a conexão eletrônica (Romano, 2004), quanto com a possibilidade do uso da metáfora de ecologia para a comunicação que de fato temos sem deixarmos de considerar que esses processos são marcados por ambiguidades e incomunicações. Percebemos a “tensão entre trocas de dados informacionais e/ou vinculações comunicativas, por conexões que nem sempre estão abertas à comunicação, pela simples troca de informações ou por densas trocas de afetividades, pela possível mistura do pragmático/funcional termo informação com a complexidade de matrizes afetivas dos termos vinculação e ambientes comunicacionais” (Menezes in: Chiachiri et al., 2013, p. 62).

Nesse sentido, conforme exploramos no texto *Ecologia da comunicação: a cultura como um macrossistema comunicativo*, lembramos as relações entre o compartilhamento de informações por redes sociais digitalmente conectadas e os densos ambientes comunicacionais experimentados pelos participantes das mobilizações urbanas de junho de 2013, em São Paulo e muitas cidades do país. Seria possível pensarmos em uma ecologia da comunicação no sentido que as experiências

comunicativas se esparramaram pelas porosidades entre corpos e ambientes, entre a casa e a rua, entre os corpos que caminharam ou interagiram antes e depois dos equipamentos (Menezes, 2013, p. 62)? Isso devido ao fato que as mulheres e os homens mobilizados estavam envolvidos tanto em suas redes de convivência cotidianas como também nas redes sociais conectadas que permeiam o mesmo cotidiano, entre as redes acessadas das casas ou das ruas antes, durante e depois das manifestações, entre os corpos que caminharam e/ou interagiram.

Nossa investigação a respeito das experiências comunicativas que se esparramaram pelas porosidades entre corpos e equipamentos é inspirada na noção de capilaridade da comunicação proposta por Norval Baitello Jr. no texto *As capilaridades da comunicação*, um dos capítulos do livro *A serpente, a maçã e o holograma. Esboços para uma Teoria da Mídia* (Baitello, 2010, p. 103-113).

Para o pesquisador, cada tipo de capilaridade permite a construção de um ambiente comunicacional, da mesma forma que processos de irrigação permitem o cultivo de uma lavoura ou a vascularização sanguínea possibilita a vida do corpo. Assim, como proposta de investigação em desenvolvimento, descreve quatro tipos de capilaridades: a capilaridade da comunicação presencial, a capilaridade alfabética, a capilaridade elétrica e a capilaridade eólica. A primeira designa o corpo como base de toda comunicação marcada pela magia da presença.¹¹ A segunda implica a capacidade de penetração do mundo e das percepções veiculadas pela escrita alfabética, pelo tempo lento da escrita e da leitura, pela ampliação do raio natural de atuação do corpo por meio, por exemplo, de cartas ou jornais. A terceira indica todo o conjunto de impulsos elétricos para transmissão imediata da voz e da imagem inaugurando novas relações de espaço e tempo; o cultivo da ilusão de uma proximidade do mundo com o mundo privado do usuário e

ainda o fato que os aparelhos podem ser ligados ou desligados nos aparatos convencionais, como os televisores. A quarta capilaridade indica um universo no qual as casas se tornam esburacadas e permeáveis pelos ventos da mídia. Assim,

aperfeiçoa a permeabilidade do homem aos poderes da mídia terciária que, com o aperfeiçoamento de seus aparatos elétricos que não se desligam nunca e de suas linguagens cada vez mais rarefeitas, instaura uma capilaridade eólica, como o vento que entra por todas as frestas e buracos permanentemente (Baitello, 2010, p. 113).

O autor ainda frisa que se nos ambientes criados pela capilaridade elétrica os aparelhos convencionais podem ser ligados e desligados, no quadro da capilaridade eólica fica evidente a tendência a suprimir a tecla *off*.

A título de contribuir para a continuidade dessa reflexão apresentamos um exemplo de como as experiências comunicativas se esparramaram pelas porosidades entre corpos e ambientes¹² e, talvez, até equipamentos, ou para continuarmos usando os termos acima, como alguns processos comunicativos ocupam as diferentes capilaridades.

Trata-se da monografia *Metzontla, Los Reyes. A paisagem sonora como documentário* elaborada pelo radialista, radioartista e *sound-designer* Julio de Paula, diretor de programas das rádios Cultura FM e Cultura Brasil, da Fundação Padre Anchieta, em São Paulo. Curiosamente, a nota introdutória da monografia alerta:

Caro ouvinte, antes de mais nada, venho advertir que este é um trabalho para se escutar. Trata-se da edição do documentário sonoro *Metzontla, Los Reyes*, gravado numa pequena comunidade rural mexicana, no início de 2013. A realização deste projeto, bem como seus antecedentes, se

¹¹ Estudos a respeito dos vínculos podem ser encontrados em: Miklos, 2012, Contrera, 2014 e Fonseca, 2014.

¹² Pesquisas a respeito dos ambientes comunicacionais também podem ser encontradas nos trabalhos de Silva, 2014, Diogo, 2014 e Navarrete, 2013.

dá à luz das reflexões contidas neste relato. Mas embora as palavras sejam fundamentais para o dia a dia radiofônico também venho informar que este é um documentário sem palavras. A sonoridade da festa é seu conteúdo (De Paula, 2014).

Podemos dizer que ao realizar o documentário sonoro Julio de Paula foi seduzido pela magia da captura própria do fato de circular, no dia 6 de janeiro de 2013, por uma festa em um ambiente pleno de sons e expressões de alegria, movimentos, gestos e símbolos dos corpos que festejavam o Dia de Reis na pequena comunidade rural Los Reyes Metzontla, localizada em Zapotitlán Salinas, Puebla, México. Expôs sua vivência presencial em termos de capilaridade alfabética, isto é, anotou informações depois incluídas no roteiro escrito do documentário e na monografia. Com um gravador registrou paisagens sonoras que ocupam a capilaridade elétrica, podem ser ouvidas por qualquer pessoa que tenha acesso à gravação ou a ouça quando da veiculação do documentário pela emissora de rádio. Enfim, pela capilaridade eólica, pela possibilidade de se ouvir em qualquer

horário e local com acesso à *SoundCloud*, uma plataforma de áudio disponível na internet na qual os criadores de som fazem o upload, gravam, promovem e compartilham seus sons, canções e/ou similares.

Ao ouvirmos o documentário sonoro nem sempre nos lembraremos das relações entre a vivência comunicativa experimentada pelo radioartista na capilaridade da comunicação presencial e o fato de podermos acessar esta riqueza sonora em um *smartphone* no aconchego de nossas casas ou em uma movimentada avenida. Ouvindo o documentário nós podemos reviver parte da experiência do radioartista; ele por sua vez possivelmente reviverá um conjunto de emoções próprias de quem foi capturado pela magia da festa. A esta relação processual/probabilística entre os densos ambientes comunicacionais e a recriação pelo menos de parte desses ambientes quando a eles temos acesso por equipamentos eletrônicos, considerando possíveis porosidades entre corpos e ambientes, também podemos dar o nome de ecologia da comunicação.

(artigo recebido ago.2015/aprovado ago.2015)

Referências

- BAITELLO Jr., N. Os sentidos e as redes. Considerações sobre a comunicação presencial na era telemática. In: BARBOSA, M.; MORAIS, O.J. (Orgs.). Comunicação em tempo de redes sociais. São Paulo: Intercom, 2013, p. 59-65.
- BAITELLO Jr., N. As capilaridades da comunicação. In: BAITELLO Jr., N. A serpente, a maçã e o holograma. Esboços para uma Teoria da Mídia. São Paulo: Paulus, 2010, p. 103-113.
- BAITELLO Jr., N. A cultura do ouvir. In: BAITELLO Jr., N. A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014, p.133-146. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br>>. Acesso em: 10 fev. 2015.
- BAITELLO Jr., N. O pensamento sentado. Sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- BERENDT, Joachin-Ernst. Nada Brahma. A música e o universo da consciência. São Paulo: Cultrix, 1973.
- BORSARI, A.; RUSSO, M. (Orgs.). Helmuth Plessner: corporeità, natura e storia nell'antropologia filosofica. Padova: Rubbertino, 2005.
- BRAGA, A. Ecologia da mídia: uma perspectiva para a comunicação. In: INTERCOM - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 31, 2008, Natal. Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: mídia, economia e sociedade. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0692-1.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2015.
- CONTRERA, M. S. Simpatia e empatia – mediosfera e noosfera. In: BAITELLO JR., N.; WULF, C. (Orgs.). Emoção e imaginação: os sentidos e as imagens em movimento. São Paulo: Estação das letras e cores, 2014, p. 141-150.
- DIOGO, N. C. Som e música nos dispositivos digitais móveis. In: BUITONI, D.; MENEZES, J. E. O. (Orgs.). Comunicação: processos e produtos. São Paulo: Plêiade, 2014, p. 95-102. Disponível em: <<http://casperlifero.edu.br/mestrado/livros-mestrado/>>. Acesso em: 10 fev. 2015.
- HALL, E. A dimensão oculta. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- FERNANDES, R. F. Rádio brincadeira: os jogos sonoros e as performances do corpo nos programas infantis. 2014. 106 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- INNIS, H. A. O viés da comunicação. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MEDIA ECOLOGY ASSOCIATION (MEA). Disponível em: <<http://www.media-ecology.org/>>. Acesso em: 10 fev. 2015.
- MENEZES, J.E.O. Rádio e cidade. Vínculos sonoros. São Paulo: Annablume, 2007.
- MENEZES, J.E.O.; CARDOSO, M. (Orgs.). Comunicação e cultura do ouvir. São Paulo: Plêiade, 2012. Disponível em: <<http://casperlifero.edu.br/mestrado/livros-mestrado/>>. Acesso em: 10 fev. 2015.
- MENEZES, J.E.O. Ecologia da comunicação: a cultura como um macrosistema comunicativo. In: CHIACHIRI F, A.R.; CAZELOTO, E.; MENEZES, J.E.O. (Orgs.). Comunicação, tecnologia e cidadania. São Paulo: Plêiade, 2013. Disponível em: <<http://casperlifero.edu.br/mestrado/livros-mestrado/>>. Acesso em: 10 fev. 2015.
- MENEZES, J.E.O. Vínculos sonoros e ecologia da comunicação. In: BORNHAUSEN, D.A.; SILVA, M.R.; MIKLOS, J. (Orgs.). CISC 20 anos: comunicação, cultura e mídia. São José do Rio Preto: Bluecom Comunicação, 2012, p. 485-500. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br>>. Acesso em: 10 fev. 2015.
- MIKLOS, J. Ciber-religião. A construção de vínculos religiosos na cibercultura. São Paulo: Ideias&Letras, 2012. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/resultado-tdes-prog.php>. Acesso em: 15 jul. 2015.
- MOLES, A. A. El muro de la comunicación. In: MORAGAS, M. (Ed.). Sociología de la comunicación de masas. Barcelona: Gustavo Gili, 1982, p. 120-135.
- MOLES, A. A. Teoria da informação e percepção estética. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1978.
- NAVARRETE, H. M. C. O Plano Ceibal e a constituição de ambientes comunicacionais. In: CHIACHIRI F; A.R. CAZELOTO, E.; MENEZES, J.E.O. (Orgs.). Comunicação, tecnologia e cidadania. São Paulo: Plêiade, 2013. p. 139-157. Disponível em: <<http://casperlifero.edu.br/mestrado/livros-mestrado/>>. Acesso em: 10 fev. 2015.
- PAULA, J. Metzontla, Los Reyes. A paisagem sonora como documentário. Monografia de Conclusão de Curso (Pós-graduação em Teorias e Práticas da Comunicação), Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2013.
- PAULA, J. Metzontla, Los Reyes. Disponível em: <<https://soundcloud.com/juliodepaula/metzontla-los-reyes>>. Acesso em: 10 fev. 2015.
- POSTMAN, N. Media ecology. Disponível em: <<http://www.media-ecology.org/>>. Acesso em: 10 fev. 2015.
- PLESSNER, H. Antropologia dos sentidos. In: GADAMER, H.G.; VOGLER, P. (Orgs.). Nova antropologia: o homem em sua existência biológica, social e cultural. Antropologia Filosófica II. Vol. 7. São Paulo: Edusp, 1977. p. 1-44.
- PROSS, H. Medienforschung. Film, Funk, Presse, Fernsehen. [Investigação dos media. Filme, rádio, imprensa e televisão]. Darmstadt: Carl Habel, 1972.
- PROSS, H. Zwänge. Essay über symbolische Gewalt. La violencia de los símbolos sociales. Trad. Vicente Romano. Barcelona: Anthropos, 1989.
- PROSS, H.; ROMANO, V. Atrapados en la red mediática. Orientación en la diversidad. Hondarríbia: Argitaletxe Hiru, 1999.
- REALE, G. História da filosofia antiga. Platão e Aristóteles. São Paulo: Loyola, 1993.
- ROMANO, V. Ecología de la comunicación. Hondarríbia: Editorial Hiru, 2004.
- RUBLESCKI, A.; BARICHELLO, E. M. R. (Orgs.). Ecologia da mídia. Santa Maria: Facos-UFSM, 2013.
- SILVA, M. R. Na órbita do imaginário: comunicação, imagem e os espaços da vida. São José do Rio Preto: Bluecom; São Paulo: UNIP, 2012.
- SILVA, J. L. O. A. “Mergulho no escuro” e outros mergulhos. Programas de Auditório como ambientes radiofônicos. 2014. 130 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- SCOLARI, C. A. Media ecology: exploring the metaphor to expand the theory. Communication theory, v. 22, n. 2, p. 204-225, 2012.
- ZAREMBA, L.; BENTES, I. (Orgs.). Rádio nova: constelações da radiofonia contemporânea. Vol. 3. Rio de Janeiro: UFRJ/Publique, 1999.

